

A TARDE

Memória

ESPECIAL *Salvador*

472 anos



A CIDADE DA BAÍA É UMA FESTA

Salvador foi fundada em 1549 para consolidar o domínio de Portugal sobre o Brasil. Mas a cidade-fortaleza tornou-se um polo de diversidade com tantas e tantas identidades que continuou com seu protagonismo para além da condição de capital perdida em 1763. O que não muda são as motivações para registrar suas tantas memórias, como fez A TARDE em 29 de março de 1949, na festa dos 400 anos, e que agora, mais uma vez, repete a homenagem, em forma de especial, afinal esta cidade sempre inspira novas narrativas.

CLEIDIANA RAMOS

Em 29 de março de 1949, A TARDE publicou uma edição especial para festejar os 400 anos de fundação de Salvador. Já estabelecido como o “jornal de toda a Bahia”, A TARDE deu tratamento refinado a uma ocasião tão marcante: uma edição com 32 páginas divididas em dois blocos unindo conteúdo informativo e análise sobre diversos aspectos da cidade, como história, patrimônio e infraestrutura.

A edição trouxe, na página dois, detalhes do grande desfile que marcou a festa dos 400 anos de Salvador, organizada por uma comissão coordenada pelo prefeito da cidade, José Wanderley de Araújo Pinho (1890-1967), e pelo governador da Bahia, Octávio Mangabeira (1886-1960), em uma rara harmonia na turbulenta política baiana dos quase primeiros 50 anos de República. Vale ressaltar que Pinho foi nomeado pelo governador. Na reportagem foi dado um amplo destaque para os carros alegóricos, como o que reproduziu a nau Conceição, uma das embarcações da frota comandada por Thomé de Souza para a missão de fundar Salvador, e o Carro da Abolição, que celebrou Castro Alves.

A visita ao local onde estavam os equipamentos que seriam usados no desfile teve como anfitrião Eduardo Chianca de Garcia (1898-1983). Português, Chianca de Garcia passou a morar no Brasil e tornou-se referência no teatro do Rio de Janeiro. Foi então escolhido para dar forma ao evento mais marcante da comemoração do aniversário de Salvador: um desfile que, iniciado no meio da tarde, saiu da Vitória para percorrer parte do centro da cidade até ser encerrado na Praça da Sé.

“Os carros estão quase todos prontos recebendo as últimas demãos. As tintas foram bem encontradas e notamos muita arte e bom gosto no acabamento da Nau Conceição, imponente nas suas linhas sóbrias, a evocar uma página tão gloriosa de nossa história quadricentenária”. (A TARDE 29/3/1949, p.2).

Avanços

A Salvador que festejou seus 400 anos estava usufruindo de um clima político mais ameno depois das décadas de turbulência. Em 1912, a cidade chegou a ser bombardeada; foi ameaçada de uma invasão comandada pelos coronéis dos sertões chefiados por Horácio de Mattos e viveu a condição da sede de governo com sucessivos interventores na primeira gestão de Getúlio Vargas, que incluiu a ditadura do Estado Novo. Tanto que a eleição de Octávio Mangabeira em 1947 conseguiu unir grupos que viviam às turras, como os autonomistas em relação ao governo federal, do qual ele fazia parte, e juracistas, denominação para os seguidores de Juracy Magalhães (1905-2001), o mais promissor politicamente dentre os interventores.

“Uma das situações mais traumáticas que o governo Mangabeira encontrou foi a crise urbana na cidade do Salvador, provocada pela migração de famílias do interior do estado para a capital, fenômeno causado pela concentração da propriedade da terra e a falta de presente e futuro para os que trabalhavam. As invasões em áreas de desocupadas resultaram do movimento migratório”, explica em trecho de História da Bahia, o livro clássico do professor Luís Henrique Dias Tavares.

O especial de A TARDE, portanto, apresenta um panorama que permite compreender uma cidade em mudança: na reportagem publicada na página 14 do segundo bloco há o destaque para três iniciativas inauguradas durante a festa dos 400 anos: a Colônia Águas Claras, estrutura voltada para quem sofria de hanseníase, uma doença com incidência alta na Bahia; um pavilhão para doentes sem teto no Abrigo Salvador e a inauguração do primeiro centro de saúde. Também são apresentados números sobre a construção de escolas por todo o estado. Melhor infraestrutura para o ensino público foi, inclusive, tema de uma campanha encadeada por A TARDE em seus primeiros dias de funcionamento. Essas ações são todas da Secretaria de Educação e Saúde, a unidade que tinha

EDIÇÃO HISTÓRICA

Em 1949, A TARDE publicou especial de 32 páginas para marcar os 400 anos da capital



Cedoc / Arquivo A TARDE / 29.3.1949

Capa trouxe
experimentação
gráfica



à frente o educador Anísio Teixeira (1900-1971), que realizou uma gestão inovadora.

A edição também apresentou o Plano de Urbanismo de Salvador. A formação geológica da cidade, os problemas e possíveis soluções para o saneamento, habitação e trânsito foram apresentados em um texto assinado por Diógenes Rebouças e Admar Guimarães. Sucessor de Mário Leal Ferreira à frente do Escritório do Plano de Urbanismo de Salvador (Epucs), Rebouças apresentou, no extenso artigo, as bases para análise e propostas das inovações urbanísticas na cidade, com a abertura das avenidas de vale, dentre as quais a que homenageou os 400 anos da cidade: a Centenário.

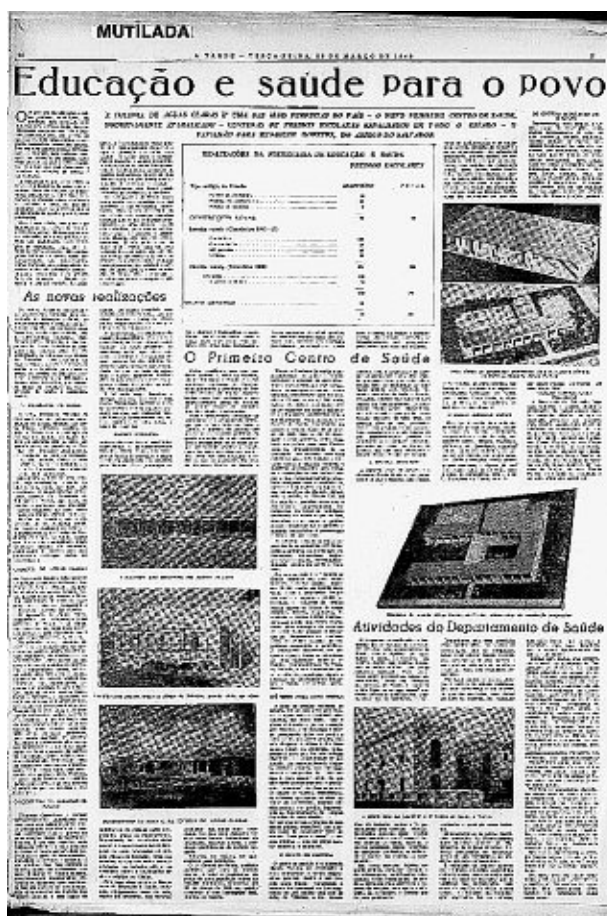
Como cartão de apresentação da sua edição especial, A TARDE utilizou como elemento gráfico uma ilustração para a capa da edição: uma gravura retratando o desembarque de Thomé de Souza para fundar a cidade. Em meio às nuvens que aparecem na ilustração estão as faces de dois baianos constantemente celebrados pelo jornal: o poeta Castro Alves e Ruy Barbosa, homenageados no grande desfile. Como inovação, nenhuma manchete ou chamada. Mais uma vez estava estabelecido o que se tornou uma das características do jornal, que é celebrar, por meio da experimentação, da informação e da análise, a memória da Bahia.

*A REPRODUÇÃO DE TRECHOS DAS EDIÇÕES DE A TARDE MANTÉM A GRAFIA ORTOGRÁFICA DO PERÍODO.

PARA SABER MAIS: HISTÓRIA DA BAHIA – LUÍS HENRIQUE DIAS TAVARES, SÃO PAULO, UNESP; SALVADOR, EDUFBA, 2021); POVOAMENTO DA CIDADE DO SALVADOR – THALES DE AZEVEDO, SALVADOR, FUNDAÇÃO PEDRO CALMON, 2009.



Diógenes Rebouças escreveu o plano de urbanismo



Texto mostra cenário da educação e da saúde em Salvador



A polêmica da data de fundação de Salvador

Jorge Ramos

Vinte e nove de março é hoje inquestionavelmente a data em que se festeja a fundação da cidade de Salvador. Nesse dia, em 1549 (uma quinta-feira), Thomé de Souza aportava na enseada do Porto da Barra. Na praia a esperá-lo estava Caramuru, náufrago português que aqui já estava há 40 anos. Já quase um ancião e plenamente integrado entre os tupinambás, tanto que casara com várias índias da tribo, sendo Catarina Paraguaçu a “esposa”, porque casaram-se na Igreja Católica, não foi difícil para ele arregimentar índios para recepcionar o enviado especial do rei de Portugal. Thomé de Souza vinha com a missão, definida em Carta Régia, de fundar na Baía de Todos-os-Santos uma “cidade-fortaleza” para ser a capital das terras portuguesas na América.

Mas nem sempre foi pacífica essa questão da data “oficial” de fundação de Salvador. Uma enorme controvérsia se estabeleceu e agitou os meios cultural, acadêmico e jornalístico da Bahia nos anos 40, com ataques virulentos e até agressões verbais entre os oponentes. A polêmica começou nas páginas do jornal A TARDE, que publicou nas edições de 25 e 26 de agosto de 1948 extenso artigo do médico e escritor Edgard de Cerqueira Falcão, baiano mas fundador de Salvador. Até então não existia nenhuma discussão a respeito, embora oficialmente também não houvesse nenhuma data determinada. Tacitamente todos sempre comemoravam o dia 29 de março.

O argumento de Edgard Falcão era o de que transcrições de recibos assinados pelo próprio Thomé de Souza, existentes na Biblioteca Nacional, demonstravam que nessa data foram pagas as primeiras remunerações de pessoas que vieram com ele para exercer funções administrativas e militares no primeiro governo que se iniciava no Brasil. O artigo teve uma irada reação da parte do professor Frederico Edelweiss, o maior estudioso, desde Anchieta, da língua



Arquivo pessoal

Brasil. Também foi sugerido o dia 1º de abril por hipoteticamente ter sido o dia em que teria sido fincada a primeira estaca para a construção da muralha em torno da cidade que nascia. A data de 6 de agosto, apenas por constar, não se sabe o porquê, na placa do Monumento ao 2 de Julho (inaugurado em 1895), também chegou a ser sugerida. Outras datas surgiram, pelos mais diferentes motivos, aumentando a celeuma.

Em 19 de março de 1949 o congresso foi aberto na sede da “Casa da Bahia”, como era conhecido o IGHB, e a data de fundação da cidade centralizou os debates, ofuscando os demais temas em pauta. Estudiosos de vários estados, representando instituições diversas, vieram a Salvador como convidados. A polêmica havia adquirido uma dimensão nacional. Numa sessão destinada ao tema e após horas de exaustivos debates, Edgard Falcão, que recebera poucas adesões à sua tese, estava na tribuna quando, em meio a ânimos exaltados, chegou a ser vaiado. No meio do tumulto, mal pôde concluir seu discurso. Posteriormente em carta à Academia de Letras da Bahia ele desabafou: “Uma coisa até hoje, porém, nunca pude deitar: a privação do meu direito de expor livremente minhas ideias, ocorrida na inesquecível madrugada de 25 de março, quando fui expulso da tribuna e não me foi permitido finalizar os conceitos que desenvolvia”.

Após os festejos do IV Centenário, o Instituto Geográfico e Histórico, em consulta informal entre os associados, aprovou por maioria esmagadora moção no sentido de oficializar o 29 de março como data de fundação de Salvador. Em 1952, o prefeito Osvaldo Gordilho, por meio de uma portaria, tornou oficial a data. A polêmica estava encerrada, mas causou cicatrizes, e muitos intelectuais baianos romperam amizades outrora cordiais.

JORGE RAMOS É JORNALISTA E PESQUISADOR DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA.

Tupi. Ele publicou no mesmo jornal, nos dias seguintes, uma resposta, considerada por Edgard Falcão “violenta e grosseira”.

Tentando apaziguar os ânimos, o renomado historiador Braz do Amaral, presidente do I Congresso de História da Bahia, convidou Falcão para vir à Bahia participar do evento e expor a sua tese. Organizado pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e previsto para março de 1949, o congresso seria o principal evento comemorativo do IV Centenário de Salvador, completados naquele ano.

Nos meses seguintes os jornais de Salvador mantiveram acesa a polêmica em artigos, professores, jornalistas e simples leitores – geralmente atacando os defensores da data de 1º de maio. Alguns artigos e cartas até propunham novas datas. Houve quem propusesse o dia 12 de junho, quando foi realizada a procissão pelo dia de Corpus Christi, com Thomé de Souza e o padre Manuel de Nóbrega à frente do cortejo. Foi a primeira solenidade pública realizada no

Clique no ícone e assista vídeo sobre Thomé de Souza



Wilson Besnosick / Arquivo A TARDE / 8.12.1996

CLEIDIANA RAMOS

De forma detalhada, o intelectual multifacetado – engenheiro, geógrafo e historiador – Teodoro Sampaio apresentou um quadro de como foram as obras da fundação de Salvador. São informações sobre os materiais utilizados, os primeiros limites da cidade, os trabalhadores envolvidos na construção de muros e os pagamentos em moedas e mercadorias. Intitulado *Como se fizeram as obras da cidade*, o texto foi publicado na edição de 29 de março de 1949, de forma póstuma, pois Sampaio morreu 12 anos antes. A publicação tem mais um detalhe excepcional: é um capítulo do livro, então ainda inédito, *História da Fundação da Cidade da Bahia*, que a Secretaria de Educação e Saúde publicou naquele ano em homenagem aos 400 anos de fundação de Salvador. Esse artigo integra uma série assinada por intelectuais dos mais diversos campos do conhecimento e publicada no especial preparado por A TARDE para festejar a marcante data.

“Razões de segurança e defesa, que atuaram na escolha do local para assento da nova cidade do Salvador, davam-lhe, ainda depois de alguns anos, esse aspecto de arraial ou campo de guerra, feito de improvisado em terra inimiga com materiais que não auguram existência prolongada”, aponta o texto. (A TARDE, 29/3/1949, bloco 2, p.7).

Na mesma página, Antônio Viana, membro da Academia de Letras da Bahia (ALB), fez a defesa de medidas para preservar a Casa da Torre, hoje um dos mais conhecidos pontos turísticos de Praia do Forte. São as ruínas do que foi o castelo do poderoso García D’Ávila, que chegou a Salvador no grupo trazido por Thomé de Souza, de quem, para algumas fontes, era filho, embora ele nunca tenha se identificado como tal. García D’Ávila ganhou na gestão do primeiro governador geral algumas das cabeças de gado trazidas de Portugal, o que lhe permitiu ser um pioneiro na pecuária. Ele recebeu também uma



Imóvel é considerado o mais antigo da cidade

ARTIGOS

REVELAM AS MÚLTIPLAS FACES DA CAPITAL

Intelectuais dos mais variados campos do conhecimento celebraram a Cidade da Baía

sesmaria calculada em 800 mil km². Tornou-se o fundador de uma dinastia com extremo poder, além de ter construído uma estrutura semelhante aos castelos medievais, e também é apontado como um homem cruel nas batalhas travadas com indígenas por território e no tratamento dispensado aos escravos sob o seu controle.

A Casa da Torre começou a ser construída em 1531 e foi um ponto de referência na colonização do Brasil por três séculos. Com a extinção, em 1835, do sistema dos morgados – um modo de concessão de propriedades pela coroa portuguesa que era transmitido a descendentes do beneficiário –, a construção começou a se deteriorar. As ruínas foram reconhecidas como bem cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1938. No texto publicado em A TARDE, Viana reivindicou uma maior atenção para a construção e contou o caso de um gaúcho que, durante algum tempo, na calada da noite, especialmente, fazia explorações em busca da fortuna com que disse ter sonhado até que foi expulso pela polícia.

“O inquiridor meditou em tudo e mandou que o sonhador mudasse de idéia e de terra também antes que lhe sucedesse o pior. Atendida a ponderação do interrogante, o homem saiu a lastimar o sonho desfeito. Desapareceu da Bahia”. (A TARDE, 29/3/1949, bloco 2, p.7).

O especial trouxe ainda um artigo do professor Pedro Calmon sobre o que considerava virtudes que a experiência com a constituição de Salvador poderia oferecer para o Brasil. O texto é acompanhado, na mesma página, por uma descrição de Luiz Viana Filho sobre as formas que viajantes estrangeiros usaram para descrever a cidade a partir do século seguinte à sua fundação. Também há um texto de Edison Carneiro sobre a herança cultural africana na Bahia.

Uma análise sobre as transformações no modelo original de Salvador foi apresentada pelo historiador Carlos Ott, e o uso dos transportes urbanos ganhou visibilidade em artigo assinado por Carlos

Antônio Queirós / Ag. A TARDE / 14.6.2001



Alberto com ilustrações de Genaro de Carvalho. Acontecimentos habitados à chegada de Thomé de Souza e sobre o peiorativo e preconceituoso em vários trechos, tiveram relatos sob a ótica, respectivamente, de Alberto Silva e do padre Camillo Torrend. Pinto de Carvalho contou sobre as alternativas para garantir apresentações de ópera e concertos no texto intitulado *A música ontem e hoje na Bahia*. Além disso, em quase todas essas páginas foram publicados poemas de Castro Alves, Gregório de Mattos, dentre outros.

Gastronomia

A diversidade dos temas e autores escolhidos para o especial mostra uma das faces da Salvador radiografada pelo especial de A TARDE: uma cidade fundada para ser a capital de uma colônia, que prometia e se tornou lucrativa e complexidades dessa condição. Mas Salvador também esteve em constante transformação, contornando, aceitando ou se rebelando sobre os papéis dados a ela, especialmente pelas elites locais. Isso a faz protagonista de um jogo traduzido em bens simbólicos para alimentar turismo, festas, Carnaval e patrimônio. Neste contexto, a gastronomia tem lugar especial. Assim, a edição especial de A TARDE para festejar os 400 anos da cidade abriu espaço para a alimentação sob a análise de Darwin Brandão, autor

Arquivo A TARDE



**Darwin Brandão
fez análise da
culinária baiana**



**Procissão de
Corpus Christi foi a
primeira festa
pública realizada
em Salvador após
a sua fundação**

do livro *A Cozinha da Bahia*.

No texto, que é acompanhado por ilustrações de Mario Cra-vo Junior, Brandão traça um panorama do vasto repertório de pratos feitos à base de dendê, mas também de doces. No seu artigo, ele cita profissionais consideradas referências na chamada cozinha do azeite. Faz referência a conhecidas personagens desse segmento, como Maria de São Pedro, mas também a outras que não desfrutaram de tanta visibilidade, mas tiveram as suas virtudes celebradas e registradas especialmente no ambiente frequentado por escritores e poetas.

“Só mesmo as iniciadas podem preparar um legítimo vatapá. E elas são famosas. Seus nomes são pronunciados com respeito e atravessam épocas. Sempre houve, na Bahia, quituteiras famosas. Eva foi uma delas. Conta Sodré Viana, que Zeca do Patrocínio, famoso boêmio, certa feita, fez de beijar seus dedos besuntados de azeite, depois de um formidável almoço”. (A TARDE, 29/3/1949, p.5).

Salvador continuou oferecendo possibilidades variadas de especiais para que A TARDE celebrasse os diversos aspectos desta Cidade da Baía. Ora destacando as belezas naturais, ainda resistindo às questões históricas, as publicações se mantêm garantindo o registro das memórias da capital baiana, inclusive as do cotidiano que logo serão a ponte para a identificação coletiva.

CLEIDIANA RAMOS É JORNALISTA E DOUTORA EM ANTROPOLOGIA

CONFIRA HOJE, 29 DE MARÇO, LIVE COM O PROFESSOR WILSON CAETANO DE SOUSA JÚNIOR A PARTIR DO TEXTO DE DARWIN BRANDÃO SOBRE A “COZINHA DA BAHIA”, ÀS 17 HORAS, NO PERFIL DE A TARDE NO INSTAGRAM.

***A REPRODUÇÃO DE TRECHOS DAS EDIÇÕES DE A TARDE MANTÉM A GRAFIA ORTOGRÁFICA DO PERÍODO.**

PARA SABER MAIS: (HISTÓRIA DA BAHIA – LUÍS HENRIQUE DIAS TAVARES, SÃO PAULO, UNESP; SALVADOR, EDUFBA, 2021); POVOAMENTO DA CIDADE DO SALVADOR – THALES DE AZEVEDO, SALVADOR, FUNDAÇÃO PEDRO CALMON, 2009.

GUARDIÕES DA HISTÓRIA

Especialistas da área criavam versões sob medida para auxiliar o trabalho de jornalistas

CLEIDIANA RAMOS

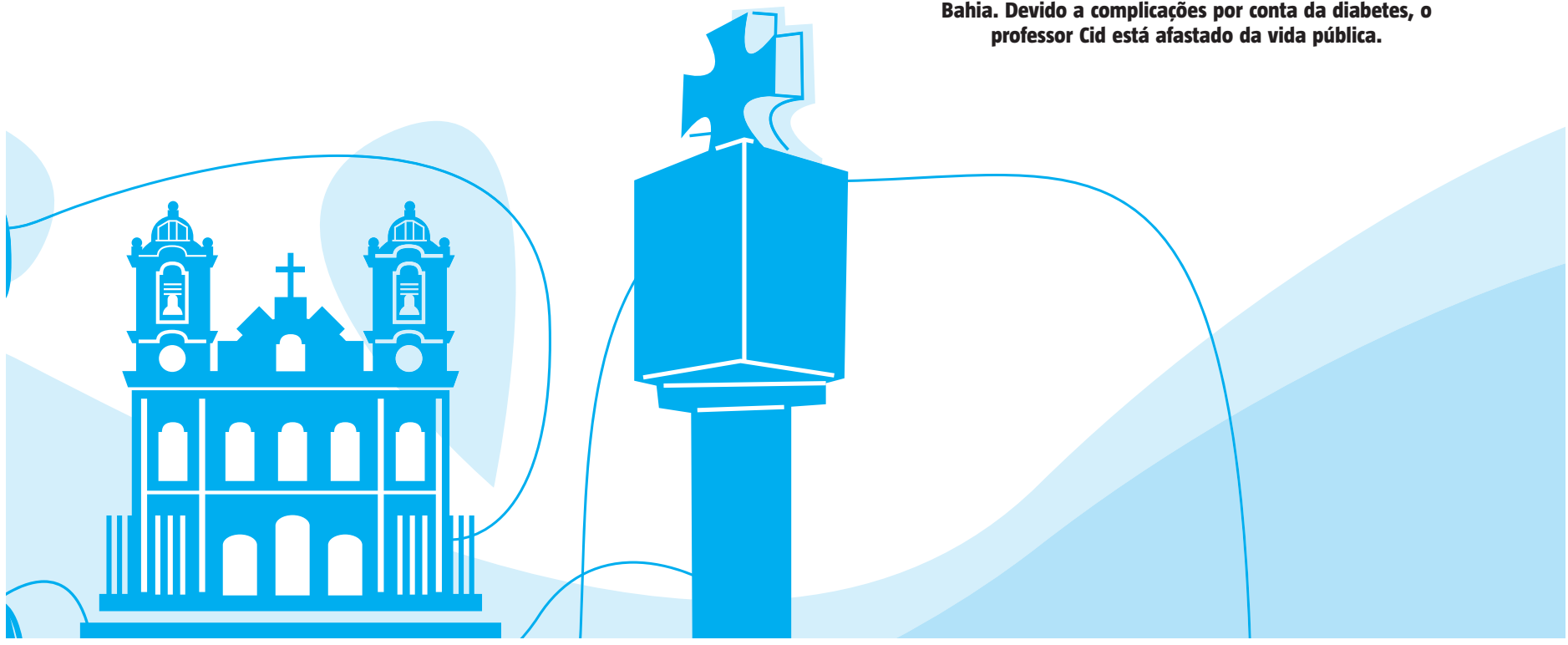
Escrever reportagens sobre temas relacionados à história e cultura da Bahia não é uma tarefa fácil, especialmente na escala frenética que é o jornalismo. Quando integrei a equipe de muitos especiais realizados por A TARDE com estas características, para celebrar o aniversário de Salvador, o 2 de Julho ou o Dia Nacional da Consciência Negra, tive a sorte de contar com a ajuda, generosidade e paciência de vários acadêmicos. Especialmente sobre questões relacionadas à fundação de Salvador faz-se necessário registrar uma homenagem a quatro deles. Infelizmente, três já faleceram: Luís Henrique Dias Tavares, Roberto Albergaria e Ubiratan Castro de Araújo. O quarto, o professor Cid Teixeira, afastou-se da vida pública devido a problemas de saúde. Estes historiadores me deram a possibilidade de tentar construir conteúdo com qualificação informativa, mas também preparado para estabelecer o diálogo mais didático e necessário por ser dirigido a um público difuso, como é o das mídias. Eles se tornaram, cada um usando estilo próprio, especialistas na arte de dialogar com jornalistas e assim ajudá-los a traduzir teoria para além dos muros da academia. Dessa forma contribuíram para um jornalismo educativo e de alguma forma reflexivo sobre várias perspectivas dessa complexa Cidade da Baía.



Xando Pereira / Arquivo A TARDE

CID TEIXEIRA

Um mestre de várias gerações. Segundo um dos seus mais entusiasmados admiradores, Roberto Albergaria, o poder de comunicação do professor Cid não encontra fácil equivalência. Bacharel em direito, historiador e professor na Ufba, Cid Teixeira nasceu em Ilha de Maré, em 1926. Ficou conhecido pela voz inconfundível e que ganhou as ondas da Rádio Cruzeiro no programa Pergunte ao José, mas teve passagens por jornais como Diário da Bahia, Jornal da Bahia, A TARDE e Tribuna da Bahia. Devido a complicações por conta da diabetes, o professor Cid está afastado da vida pública.



Arquivo A TARDE



LUÍS HENRIQUE DIAS TAVARES

Nasceu em Nazaré, cidade do Recôncavo da Bahia, em 1926. Foi professor titular do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. Membro da Academia de Letras e do Conselho Estadual de Cultura, escreveu um livro que se tornou um clássico, com dezenas de edições: *História da Bahia*. Esta obra do professor Luís Henrique traça um panorama da formação territorial e cultural da Bahia antes da dominação portuguesa até eventos mais contemporâneos, como a promulgação da Constituição de 1988. Todos esses acontecimentos são contextualizados, inclusive com textos complementares, tornando-se uma obra que oferece acesso a um público amplo. O professor Luís Henrique morreu em 2020.

Gildo Lima / Arquivo A TARDE



ROBERTO ALBERGARIA

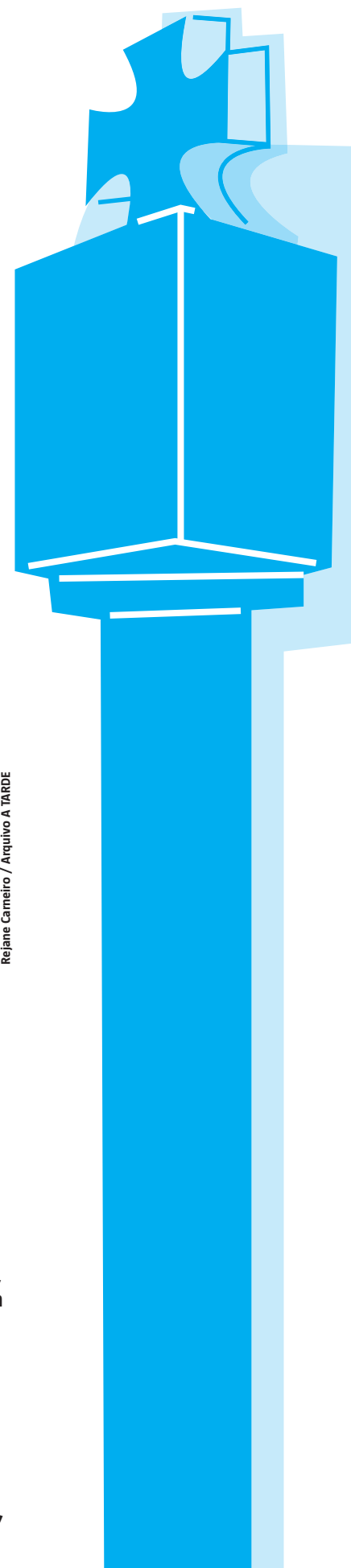
Graduado em história e doutor em antropologia, mudou de área, como gostava de brincar, quando abraçou a antropologia durante os seus estudos de pós-graduação em Paris. Albergaria deixou o curso na Universidade de Paris IV, mais concentrado em historiografia, pelo oferecido na Universidade de Paris VII, também conhecida como Diderot. Era um especialista em antropologia simbólica e foi orientado na sua tese de doutorado – sobre as várias faces do Brasil a partir das suas diversas denominações – pelo antropólogo Michel de Certeau. Durante décadas lecionou no Departamento de Antropologia da Ufba e tinha como principal característica o domínio do humor escrachado. Costumava repetir que o riso era capaz de vencer qualquer revolução. Morreu em 2015.

Rejane Carneiro / Arquivo A TARDE



UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO

Bacharel em direito, historiador e doutor em história pela Universidade de Paris IV, nasceu em Salvador em 1948. O professor Bira, como era mais conhecido, foi um dos mais brilhantes intelectuais baianos. Além da docência e da dedicação à história da escavidão, especialmente no âmbito da economia, dedicou-se também à literatura. Foi membro da Academia de Letras da Bahia (ALB). Na gestão pública foi presidente da Fundação Cultural Palmares no primeiro governo Lula e da Fundação Pedro Calmon, a partir de 2007. Dono de um humor contagiante, escreveu livros como *Guerra da Bahia*, *Salvador era Assim*, e uma obra de ficção: *Sete Histórias de Negro*, no qual personagens têm os nomes de alguns dos seus amigos. Faleceu em 2013.



Cid – Livro Vivo

Romildo S. de Jesus / Arquivo A TARDE / 6.6.2001

Roberto Albergaria

1. CID PARA MIM

O professor que mais marcou minha formação no curso de História, que fiz quando era um menino grande, irrequieto e perguntador...

– Aliando:

a) erudição e imaginação historiográfica...

b) formal e informal [discurso da ciência e fuxico]

c) seriedade e bom humor: um Mestre que sabia rir...

Fazia História Cultural e História do Cotidiano *avant la lettre* – numa época em que a chatura da história econômica e, mesmo, quantitativa era dominante...: ou era história factual ou história econômica, só!

Me abriu os olhos para uma possível História Antropológica que só se tornaria moda muito mais tarde...



2. CID EM GERAL

a) um trabalho acadêmico sério; uma obra considerável...
 b) responsável por ter tirado a História da Torre de Marfim (do cenáculo dos especialistas), especialmente quando leva a História para o rádio e, depois, para a televisão...

Mais uma vez um pioneiro: no que hoje se chama de divulgação científica...

c) exímio na arte de falar as coisas com sutileza, nessa terra de tanta coisa encapotada, de tanta dissimulação pública e fuxicaria privada... [mais as coisas se dissimulam na aparência oficial, mais crescem os fuxicos por debaixo dos panos...]

– virtudes que, para alguns ranzinzas, seria um vício...
 Incompreendido e, mesmo, malquerido por boa parte da universidade, da *intelligentzia* baiana (ainda que veladamente...):

– objeto da malevolência e, até, da maledicência de muitos colegas, à boca pequena:

A) pelos invejosos do seu prestígio e da sua retórica: Cid sabe escrever e fala de um modo insuperável: o mais performático conferencista da Bahia; o melhor da arte oratória baiana sem nenhum vício do bacharelismo (dos Ruins Barbosas que pontificam por aí...).

Através da sua língua mágica Cid é o grande sedutor dos meninos curiosos que nós somos – aquele que provoca nossa curiosidade, que faz a tribo amar a si mesma, seu passado...

O falar bem, a arte da palavra de Cid: não é um ornamento da linguagem. Mas está no fundamento do seu fazer historiográfico/historiofônico (que não é uma simples descrição dos fatos mas a reinvenção simbólica do passado, o que os positivistas estreitos não entendem): lembrar que a História é uma narração, e nela a dimensão fabulatória é essencial.

Na verdade, a História é o Grande Mito dos homens brancos (Levi-Strauss); nenhuma sociedade vive sem seus mitos [suas fábulas, suas origens imaginadas]... e sem mitólogos-feiticeiros (porta-vozes dos mortos...) como Cid...

O Mestre Bigodudo pode ser considerado o derradeiro Grande Historiador da Cidade da Bahia; porque é o último a conseguir reproduzir em sua voz “estereofônica” (Verger o chamava de Cid Estereofônico) a imagem panorâmica daquela Bahia-com-H na qual nasceu, cresceu e onde morrerá.

Confundindo sua memória pessoal com a memória coletiva do seu povo, identificando-se à própria medula do nosso corpo social...

Assim, sendo a memória viva da Cidade da Bahia, o Cid-Livro-Vivo terminou se transformado no seu mais valioso patrimônio espiritual. Herdeiro mais legítimo da alma de uma cidade cada vez mais desalmada...

Que viva mais 500 anos! Tombemos a língua de Cid!

Em outras palavras: um herói cultural que fez parte do filme da sua gente – como aquele personagem da Rosa Púrpura do Cairo (W. Allen) que entrava e saía da tela do cinema na maior picardia...

Ô Bahia que tanto dá e deixa...



NOTA: ESSE TEXTO É UMA EDIÇÃO DE MATERIAL DO ARQUIVO, FORMADO POR PASTAS COM ANOTAÇÕES E ARTIGOS, QUE SERVIAM DE SUPORTE A SUAS ENTREVISTAS, ORGANIZADAS PELO PROFESSOR E DOUTOR EM ANTROPOLOGIA ROBERTO ALBERGARIA (1960-2015). PARTE DELAS ELE DEU DE PRESENTE À JORNALISTA CLEIDIANA RAMOS. ESTE TEXTO INTEGRA UM ROTEIRO QUE ALBERGARIA ELABOROU PARA LHE GUIAR NA ENTREVISTA CONCEDIDA PARA O DOCUMENTÁRIO CID TEIXEIRA – ENCICLOPÉDIA DA BAHIA, DIRIGIDO POR ROBERTO GAGUINHO. ALBERGARIA CONSIDERAVA CID TEIXEIRA UMA DAS SUAS INSPIRAÇÕES PARA O ESTUDO DE HISTÓRIA E RELACIONAMENTO COM AS MÍDIAS.

Salvador, a história e a imprensa

Ricardo dos Santos Batista

O que faz um historiador? Para algumas pessoas, a resposta parece óbvia, mas gostaria de refletir um pouco sobre isso. Uns diriam que ele escreve a história; outros, que ele narra aquilo que aconteceu. Ninguém estaria errado. Mas, se nos voltarmos para a primeira função, a de escrever, mergulhamos em um universo particular que se inicia na escolha de uma temática e que prossegue na busca incessante por registros, memórias, fragmentos do passado que ainda estão disponíveis para nós. Entre todas essas possibilidades, destaco o legado da imprensa.

Os jornais são uma fonte rica para entender aspectos da vida humana em diferentes momentos históricos, especialmente as tramas dramatizadas no ambiente público. Não que uma notícia seja considerada como um espelho do que aconteceu. Ela é uma produção. Foi elaborada com a intenção de atingir determinado grupo de pessoas, causar sensações, mobilizar politicamente, informar sobre aquilo que alguém considerou importante um dia para ser compartilhado. Mas, ao manusear cada exemplar, aos poucos a textura do cotidiano se (re)constrói na mente de quem escreve a história e as personagens se apresentam para nós. Entre os muitos exemplos que poderia citar, penso nas mulheres, libertas ou cativas, que circulavam pela Cidade Baixa vendendo quitutes nos tempos em que a escravidão imperava no seu formato clássico. Ou mesmo nos operários e operárias que viviam nas vilas operárias da zona portuária, como a de Boa Viagem: suas lutas cotidianas, a sociabilidade e a formação das redes de solidariedade.

Mas na imprensa também é possível encontrar referências a personagens políticos de grande visibilidade. Líderes baianos, como José Joaquim Seabra e Francisco Marques de Góes Calmon, que, ao longo da Primeira República, tomaram decisões, promoveram projetos políticos marcados por apoios e oposições na Bahia e no cenário nacional.

Ao meu trabalho interessaram todas essas personagens (anônimas ou de visibilidade). Me interessam as dimensões políticas e sociais dos contextos, consultadas nos destaques de primeira página ou nas pequenas notas que passariam despercebidas aos olhos de um leitor distraído. Pela imprensa, acompanhei a reforma sanitária ocorrida na década de 1920 e a implementação



Arquivo pessoal

“Os jornais são uma fonte rica para entender aspectos da vida humana em diferentes momentos históricos, especialmente (...) no ambiente público”

RICARDO DOS SANTOS BATISTA, doutor em história social

das primeiras políticas sanitárias para o controle da sífilis em Salvador, com o apoio das elites médicas e políticas. Além disso, vi a criação dos dispensários antivenéreos, como o Posto Pacífico Pereira – uma referência à personagem baiana de destaque na medicina brasileira de fins do século XIX e início do século XX –, e as dificuldades da população soteroopolitana para ter acesso àqueles bens de saúde que começavam a despontar.

Embora eu não tenha nascido em Salvador, suas ruas nunca me foram estranhas, o seu cheiro sempre me pareceu como é, seus conflitos, desigualdades sociais, raciais e de gênero persistem e se complexificam com o passar dos anos: é só folhear os jornais para entender. Minha forma de ver esta cidade se construiu atravessada pela imprensa, e talvez essa não seja uma experiência singular. Pergunte aos historiadores e às historadoras que se debruçam sobre o mar de histórias sobre Salvador que há para se contar.

RICARDO DOS SANTOS BATISTA É DOUTOR EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UFBA. PÓS-DOUTORANDO NA FACULDADE DE MEDICINA PREVENTIVA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). É AUTOR DE *SÍFILIS E REFORMA DA SAÚDE NA BAHIA DE MULHERES* LIVRES: *UMA HISTÓRIA SOBRE PROSTITUIÇÃO, SÍFILIS, CONVENÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE*



Paulo Munhoz / Cedoc A TARDE



Clique no ícone e veja outras fotos das belezas de Salvador

UM MAR DE POSSIBILIDADES

De uma beleza que consegue unir patrimônio arquitetônico e ambiental, Salvador oferece uma infinidade de possibilidades para os registros. O acervo de A TARDE está repleto das memórias destas belezas em perspectivas e tempos diferentes.



Walter Carvalho / Cedoc A TARDE



Gilão Lima / Cedoc A TARDE

- 1. Monte Serrat é uma das belezas da Cidade Baixa**
- 2. Estátua de Castro Alves, fonte de inspiração**
- 3. Palácio Rio Branco foi a sede do poder estadual**
- 4. Homenagem a Iemanjá atrai multidão**
- 5. O 2 de Julho é outra das grandes festas da cidade**



Cedoc A TARDE



Cedoc A TARDE

